
Práticas de Escuta em Portais de Web Rádios Universitárias¹

Pricilla de Souza ANDRADE²
Universidade do Estado da Bahia, BA

RESUMO

As experiências contemporâneas de escuta no rádio expandido se apresentam por meio de produtos considerados sonoros e parasonoros. Este estudo pretende compreender como os portais de Web Rádio ampliam, moldam ou sugerem novas formas de consumir programação radiofônica e música, configurando novas experiências da escuta. Para tanto, analisaremos o *corpus* de cinco portais de web rádios universitárias no nordeste e as informações obtidas através de pesquisa exploratória. Os conceitos e metodologias escolhidas baseiam-se em uma fundamentação teórica em autores como Kischinevsky (2016; 2018), Schafer (1991; 1997), Dewey (2010), Cardoso (2011a, 2011b) Barbero (1997; 2005; 2006). O desenvolvimento da pesquisa de campo objetiva descrever os elementos materiais e sua atuação no desenvolvimento de novas práticas de escuta.

Palavras-chave: experiência; web rádio; práticas de escuta; rádio expandido.

Com as tecnologias digitais, as experiências de escuta emergem para modelos de consumo e entretenimento contemporâneos, como é o caso do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) no qual se encontram as rádios públicas³, os portais de web rádios universitários e suas mídias sociais. Os grandes veículos radiofônicos têm atuado a favor de uma elite econômica ou política, tendo também seus mecanismos de regulação e produção projetados sob tais critérios, nesse contexto em que medida a produção radiofônica no modelo Web e dentro de universidades têm contribuído para a democratização desse meio a partir da aproximação da produção acadêmica com o universo popular, como também o inverso, a apreensão do saber popular pela academia. Em que medida essas práticas de produção radiofônicas engendram comunidades de escuta com novas práticas e éticas? Para pensar sobre isso é importante ainda perguntar, quem ouve a rádio universitária? É importante ressaltar

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora e coordenadora do Curso de Rádio e TV da UNEB-BA, e-mail: pricillandrade@yahoo.com.br; prsandrade@uneb.br.

³ Para Bianco, Klockner & Ferrareto (2017) é possível afirmar que emissoras educativas e públicas conseguem, em parte, responder aos quesitos de pluralidade e diferenciação na produção de conteúdo para a programação. Porém, estão distantes da independência administrativa e financeira, estando sujeitas às injunções políticas e administrativas por força da subordinação a estruturas governamentais.

que o surgimento das Rádios Universitárias para a Web, na Região Nordeste ocorreu não apenas pelo crescente uso da internet por um provável público, mas também por ser um meio mais viável economicamente. Mesmo as emissoras radiofônicas que mantêm o funcionamento da plataforma tradicional como canal de veiculação principal, também fazem uso da Web 2.0, seja num site retransmitindo seus conteúdos como também a partir de redes sociais a partir de filmagens de pequenos trechos de programações, *lives* e fotos de bastidores, estimulando práticas de escuta colaborativas por parte dos ouvintes. Na Região Nordeste atualmente, é possível encontrar diversas formas de funcionamento de Web Rádio nas Universidades. Cada web rádio possui estruturas de funcionamento muito díspares mesmo estando todas na web e sendo universitárias, uma vez que isso depende ainda, do próprio entendimento do que seria uma Rádio Universitária. Além disso, a política de comunicação, geralmente é diferente em cada instituição de ensino. O que significa que uma rádio universitária pode ser atrelada a uma assessoria de comunicação da Universidade ou funcionar de modo autônomo tendo um orçamento específico para isso, por exemplo. Outra coisa seria pensar a relação da rádio universitária como produtora de conteúdos também para as emissoras de veiculação tradicionais, como é o caso das rádios públicas (assim como as TVs) que com pouco orçamento sempre estão abertas a parcerias nesse sentido, para retransmitir conteúdos produzidos dentro de Rádios e TVs universitárias. Todos esses elementos reconfiguram as práticas de escuta mas também alteram modos de escuta da produção acadêmica em si. Ou seja, a própria experiência da participação/escuta acadêmica é alterada, quando o rádio universitário passa a transmitir na íntegra palestras ou eventos simultaneamente a esses acontecimentos, por exemplo. Nas transmissões da Web Rádio UNEB em Coité, por exemplo, funcionários e/ou professores que não podiam estar no auditório (lócus dos eventos) estavam por vezes na parte administrativa da instituição e ao mesmo tempo participando da palestra transmitida. Ou ainda, altera um pretense público alvo uma vez que amplia o alcance de sua produção. Assim, as questões éticas, técnicas e culturais estão em jogo num cenário de reconfigurações tanto no âmbito da produção como da recepção/escuta.

Desde a primeira década do século XXI que o rádio se modifica em alguns aspectos, embora suas características básicas tenham sido mantidas. O cenário de atuação profissional, de fato, alterou e suas técnicas e tecnologias evoluíram (FERRARETTO, 2014). Em 2018, mais precisamente em 05 abril, foi publicada uma

atualização do decreto que regulamenta a profissão de radialistas, dadas as grandes mudanças que ocorreram na área da radiodifusão⁴ desde a década de 1970. A medida de reformulação do decreto foi tomada após ampla discussão sobre a necessidade de adequação aos tempos atuais. Nesse contexto, o termo radiodifusão se aplica para TV e Rádio, no entanto e sob a vigência da internet, o rádio, por exemplo, deixa de ser apenas radiodifusão sonora. São consideradas plataformas de *streaming*⁵, nas quais imagens e sons são transmitidos via internet. Com isso, surgem as plataformas de web rádios, nas quais são possíveis serem disponibilizados textos escritos, visuais e sonoros para os “ouvonautas”.

No estudo, interessa-nos pensar o rádio público, especialmente o meio Web Rádio, diante das possibilidades de escuta que esse meio promove a partir do campo da experiência da escuta. A inovação tecnológica engendra novas sensibilidades e por conseguinte um novo *ethos*, que instaura também novas possibilidades de se ter o que John Dewey (2010) denomina enquanto *uma experiência*⁶. Experiência que coloca em interação ou em intersecção local de fala, experiências cotidianas, subjetividades daqueles que ouvem e daqueles que produzem nesse meio específico. Algo novo surge quando um modo inédito acontece na forma de comunicar, e para tanto, é necessário que haja uma nova escuta também. Quando afirmamos a ocorrência de uma nova escuta é no sentido de rastrear novas percepções, novas sensibilidades sonoras e parasonoras⁷.

Ao retomarmos um pouco a historicidade do rádio no Brasil, para compreendermos a importância de nos debruçarmos nos estudos sobre as reconfigurações desse meio e a observância em relação às sensibilidades emergentes relacionadas às suas práticas da escuta, consideramos que no processo de generalização é preciso levar em consideração as especificidades de cada local; ou

⁴ Radiodifusão: irradiações por ondas eletromagnéticas, compreende dois tipos de serviço: a radiodifusão sonora: rádio, e a radiodifusão de sons e imagens: televisão.

⁵ *Streaming* é a atividade de audição de sons ou visualização de vídeos diretamente da internet, sem a necessidade de copiar as informações para a memória do computador.

⁶ "Ter experiência" seria como um acontecimento rotineiro, repetitivo e submisso a convenções práticas e procedimentos intelectuais já "ter *uma* experiência" seria uma interação integrada às várias capacidades humanas, resultando numa "experiência integral, forte, de rara intensidade" (DEWEY *apud* GUIMARAES & LEAL, 2007).

⁷ "Elementos parasonoros", ou seja, fotos, vídeos, ícones, infográficos e outras ilustrações de sites de emissoras, toda a arquitetura de interação (botões de compartilhar, recomendar, etiquetar, curtir, espaços para comentários, enquetes, votações, etc.), textos, hiperlinks, perfis estações ou de comunicadores em serviços de microblogging e sites de relacionamento, aplicativos para web rádio ou *podcasting*, serviços de rádio social. Tudo isso hoje é rádio – ou radiofonia. (KISCHINHEVSKY, 2016).

seja, é preciso refletir para depois generalizar.

O rádio se desenvolve no início dos anos 20 do século passado, quando surgem os clubes restritos de apaixonados pelo meio; mais adiante ele torna-se mais popular e com caráter fortemente educativo, por conta da influência de um dos pioneiros do veículo desde a época dos clubes, Roquete-Pinto. Na década de 30 surge a publicidade e o caráter comercial começa a despontar consideravelmente, configurando-se a tão conhecida chamada *Era de Ouro*, com os aclamados artistas, cantores e cantoras do rádio que tiveram seu auge no período dos anos 40. Quando surge a TV, no final dessa década de 40 e consolida-se na década de 50, o rádio perde gradativamente seu montante publicitário, que migra em massa para esse outro veículo. O rádio entra em relativa decadência, especialmente, no aspecto financeiro, já que o número de aparelhos no país continua maior que o de TVs. Nos anos seguintes, os rádios em AM e FM enfrentaram nas décadas de 70 o movimento chamado de Rádios Livres - discussão sobre a democratização da comunicação -; nas décadas de 80 e 90 há o surgimento das rádios comunitárias, que de algum modo suscitou questionamentos nos mais diversos aspectos, tais como: alcance, publicidade, público alvo, as intervenções políticas e religiosas que acometeram muitas delas e o desenvolvimento dessas rádios comunitárias em algumas regionalidades. (FERRARETTO, 2007).

Já na década de 90, de acordo com Kischinhevsky (2016), a informatização começou a partir das emissoras norte americanas e europeias. Essas emissoras começaram a gravar digitalmente a programação “e microcomputadores rudimentares começam a ser utilizados nas redações de emissoras informativas, como processadores de texto, já que ainda não havia internet (KISCHINHEVSKY, p. 2007, p.64). E, de fato, segundo o autor a digitalização só começa a ocorrer nas emissoras brasileiras, mesmo que timidamente, a partir do Plano Real (1994), que trouxe relativa estabilidade econômica, o que acarretou sobrevalorização cambial, possibilitando a importação de equipamentos eletrônicos em larga escala. Ainda assim, o grande impulso ao consumo de áudio na internet viria com o lançamento, em 1995 pelos formatos de codificação de áudio digital que permitiria a compressão de arquivos para até menos de 10% do tamanho original. Nesse mesmo ano, surgiram os primeiros players que viabilizaram o streaming de áudio em websites. Kischinhevsky (2016) pontua que se, inicialmente, muitos serviços de compartilhamento se restringiam a arquivos de áudio, com o aumento da banda da internet e da capacidade de

processamento de servidores, possibilitou o intercâmbio de vídeos também. Com isso, todo tipo de arquivos digitais passou a circular nas redes *online*, inclusive os conteúdos radiofônicos.

Dada essa digressão histórica, cabe salientar que a história das rádios universitárias - que de fato é o que nos interessa aqui, enquanto vestígios históricos mais próximos, das plataformas digitais de web rádios universitárias. Em 1997, foram catalogados no livro *Rádios universitárias em Marcha: Hacia La construcción de una contra agenda mediática evidenciados*, no IV Encontro de Rádios Universitárias em Madri, e também no encontro da Rede Internacional de Rádios Universitárias. Para mapear e construir uma rede de Rádios Universitárias no Brasil, Kischenhevsky (2018) aponta que durante o 40º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, promovido pela Intercom em Curitiba, em setembro de 2017, foi realizado o 1º Fórum de Rádios e TVs Universitárias. Ao final do evento, foi lançado um manifesto pela criação da Rede de Rádios Universitárias do Brasil. Desta vez, o foco são as emisoras vinculadas a universidades, sem participação de emisoras estatais e com uma estrutura mais horizontal, orientada à troca de conteúdo e de experiências. A iniciativa contou com a adesão inicial de 36 emisoras AM e FM, web rádios e núcleos universitários de produção radiofônica e mais de 24 pesquisadores. Na ocasião foram assumidos alguns compromissos pelos integrantes, entre eles: 1. promover intercâmbio, 2. contribuir para a divulgação científica, 3. construir redes internacionais, 4. promover a diversidade, 5. Oferecer aos estudantes universitários, um espaço de intercâmbio que contribua para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, 6. constituir uma associação que represente legalmente a Rede; 7. apoiar a circulação de conteúdos com caráter cultural e informativo. O 2º Fórum já ocorreu na Intercom do ano passado (2018) e teve mais adesões.

SOBRE AS PRÁTICAS DE ESCUTA

Compreender as novas práticas de escuta da música, dos programas e produtos radiofônicos que os portais de Web Rádio propõem é recuperar os vestígios históricos e acompanhar as impactantes transformações nas tecnologias e na linguagem do rádio no Brasil e no mundo. Podemos definir Web Rádio como a transmissão radiofônica na internet com tecnologia streaming (processo de transmissão de áudio digital (ou vídeo) na internet que pode ser ouvido ou visto em tempo real) (PRIESTMAN, 2002). No

Brasil, (PRATA, 2013), em *Panorama da Webrádio no Brasil*, nos traz o conceito de “radiomorfose” após observar o trabalho de (HERREROS, 2001) que aponta para a terceira transformação do rádio; com a presença das plataformas de internet e telefonia e a convergência das plataformas anteriores com as novas até gerar a multiplataforma, a pesquisadora acrescenta-as em sua análise contextual no país e aponta algumas previsões de futuro, como a de Prata que, comentando Meneses (2007 *apud* (PRATA, 2013), afirma “que, no futuro, o rádio será apenas uma página na internet” (PRATA, 2013, p.1).

Schafer (1991), em *O ouvinte pensante*, nos propõe uma “escuta que pensa” o que ouve, uma “escuta cuidadosa”, mas também traça aspectos relevantes em relação às transformações da escuta, em *A Afinação do Mundo*, ao observar os elementos que surgiram na sociedade e alteraram sobremaneira os modos de percepção humana da escuta; explica ainda que a paisagem sonora lo-fi surge com o congestionamento do som, nos períodos da revolução industrial e intensifica-se na revolução elétrica. Em relação a esta última, Schafer afirma que a mesma “acrescentou novos efeitos próprios e introduziu recursos para acondicionar sons e transmiti-los esquizofonicamente através do tempo e do espaço para viverem existências amplificadas e multiplicadas” (1997, p. 107). Para seguirmos o fluxo das transformações que ocorrem nas dinâmicas sociais, culturais, políticas, econômicas e tecnológicas, especialmente, na contemporaneidade e, de modo específico, com o cenário das plataformas digitais, atentamos para a noção de práticas da escuta que Cardoso Filho (2011a) desenvolve e nos apresenta em relação ao produto sonoro música:

Práticas de escuta se desenvolvem em função da experiência e revelam programas de produção/recepção predominantes num determinado contexto histórico-social, ou seja, numa cultura de audição particular. Consequentemente, pode-se afirmar que o objeto de avaliação estética de um gênero musical só pode ser determinado quando há respeito aos pontos do mapa que configuram aquela cultura de audição, caso contrário performance, gravação ou track surgem como pressupostos duvidosos de discursos que pretendem determinar a essência ontológica e imutável do gênero musical e, a partir daí, extrair seu objeto de avaliação estética. (CARDOSO FILHO, 2011a, p.97)

Para tanto, as técnicas usadas para captação sonora também nos interessa pois elas também condicionam as relações estreitadas entre o som e quem ouve, envolvendo ou provocando estranhamento. A experiência de escuta interage então com

o modo como nosso envolvimento emocional está acionado. Ashley Montagu (1988) parte do princípio de que som é vibração e que a vibração opera sobre toda a pele. Portanto, a recepção sonora não é captada apenas pelo tímpano, mas sentida como uma estimulação tátil, uma massagem sutil sobre toda a pele. Com isso, percebemos que a escuta de um produto sonoro mobiliza todo o corpo. Para Schafer (1997), o espaço escuro e fluido, onde transitam as ondas sonoras, “é o oceano/útero dos nossos primeiros ancestrais: o eco exagerado e os efeitos de retorno das modernas músicas eletrônica e popular recriam para nós as abóbadas ressonantes, as escuras profundezas do oceano (SCHAFER, 1997, p. 171).

Nesse contexto de apelo aos sentidos, cabe situar a importância das subjetividades dos indivíduos envolvidos nas escolhas e produção da programação a ser veiculada em uma Web Rádio, enquanto um meio convergente, conectivo e dotado de inteligência coletiva (JENKIS, 2009; JENKIS, GREEN & FORD, 2014; LÈVY, 2011). São sujeitos carregados das relações de afetos que estabelecem em sala de aula e fora dela, entre professores e colegas; nota-se que nesse contexto existe espaços a serem considerados, os lugares de fala e de escuta. Considerando esses aspectos da subjetividade e da relação afetiva que ocorre na sala de aula, a nova dimensão do social na contemporaneidade está impregnada também por intervenções tecnológicas e comunicativas que, cada vez mais, agregam indivíduos, associando-os a determinados grupos:

O cyberspaço surge não só por conta da digitalização, evolução da informática, e suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas da interconexão mundial entre computadores, popularmente conhecida como Rede internet. Da máquina de calcular à internet muita coisa mudou e vem mudando no ciberespaço. Tal mutação se caracteriza, dentre outros fatores pelo movimento do faça você mesmo e de preferência com outros iguais e diferentes de você. A rede é a palavra de ordem do ciberespaço (ALVES & NOVOA, 2003, p.148).

Segundo as pesquisadoras, “rede” aqui está sendo entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos e as interfaces digitais. Ainda nesse estudo, elas abordam as políticas de formação do professor para o uso das tecnologias da Informação e da Comunicação e apontam que o professor não precisa mais absorver um universo de informação com a preocupação de transmiti-la aos alunos, pois elas estão sendo disponibilizadas pelos meios de comunicação de forma mais atualizada,

comparando há 20 ou 30 anos, quando não existia ainda a disseminação da internet.

Para Kischinhevsky (2016), outro fator importante é a popularização da telefonia móvel – suporte que se tornou “menina dos olhos” do setor de radiodifusão – que tem ocorrido em ritmo ainda mais acelerado. Em dezembro de 2009, havia 90,55 celulares para cada grupo de 100 habitantes, mas em dezembro de 2013, essa relação já havia saltado para 136,45, segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Foram, portanto, formatos que surgiam sumariamente, que impactaram e seguem impactando diretamente nos modos de se consumir música, causando “transformações nos valores, sentidos e experiências que estão a ocorrer” (CARDOSO FILHO, 2011b, p. 94). As plataformas de Web Rádio, que podem ser acessadas também pelos diversos aparelhos móveis, são portanto, espaços que promovem a experiência do encontro, em um contexto de cultura plural potente no mundo contemporâneo.

Desse modo, não é surpreendente que os portais de web rádios universitárias surjam como um dos pilares das redes de mídias livres e colaborativas. Diante de uma conjuntura plural, elas moldam-se de forma a promover diálogos com o fluxo de redes colaborativas, apontando essa possibilidade de compartilhamento de conteúdo, a oportunidade de viver algo único. Os portais de web rádios universitários, presentes em todas as regiões do Brasil propõem conteúdos diversificados, estilos musicais específicos de acordo com suas políticas institucionais de uso das suas plataformas digitais, sendo possível observar uma multiplicidade de gostos, de formatos sonoros e parasonoros que emergem dos elementos fundantes (FERRARETTO, 2007) que caracterizam a linguagem radiofônica: música, silêncio, trilha, ruído e efeitos. Para BIANCO (2010), como a transmissão digital é muito mais nítida, é preciso se preocupar com a captação de áudio. No entanto, apesar dos cuidados a autora acredita que o novo cenário deva ajudar na construção de sentido: “Os sons do rádio criam um mundo visual acústico. Esse poder de edificar imagens mentais poderá ser aguçado com a digitalização.” (BIANCO, 2010, p. 98). Sendo assim, o conteúdo também precisa ser revisto, como aponta Neuberger (2012) ao refletir que “não basta oferecer a mesma programação analógica em formato digital, uma vez que os ouvintes não buscam apenas a qualidade do som, mas um serviço multimídia, interativo, mais adequado com os padrões tecnológicos atuais” (p. 141). Em *Potencialidades de uma Web Rádio Universitária: um estudo exploratório das percepções e preferências dos*

estudantes (PIÑERO-OTERO & RAMOS, 2011), estudo realizado para discutir o interesse e as características de uma web rádio destinada à comunidade da Universidade de Aveiro/ Portugal, os autores apontam que a migração da radiofonia hertziana para a internet oferece muitas potencialidades para as rádios, que na web registram um crescimento progressivo diante da emergência de novas formas de criação, emissão, difusão e partilha de conteúdos

PRÁTICAS DE ESCUTA NOS PORTAIS DE WEB RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS NO NORDESTE

Para um melhor entendimento da experiência das novas práticas de escuta que os portais digitais propõem, sugere-se a análise do *corpus* assim constituído: pesquisa que intenciona investigar as experiências de escuta, de cinco plataformas de web rádios universitárias no nordeste do Brasil. A razão pela escolha foi oriunda do levantamento e mapeamento dessas web rádios universitárias realizados pelo grupo de estudos, o qual coordeno. Levamos em consideração, a institucionalidade e a tecnicidade como competências da análise.

A institucionalidade é uma mediação "densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos" (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 17). Em um ambiente em que o discurso é de liberdade e potencialidade de democratização, será profícuo investigar como opera a mediação da institucionalidade entre os diversos produtores e públicos, tanto os considerados independentes, quanto aqueles ligados a rotinas e produtores do rádio comercial. Outra mediação importante para a análise das experiências da escuta em relação às tecnologias é a mediação da tecnicidade. Ao pensar a mediação da tecnicidade o autor evoca a dimensão social da técnica, como constitutiva de qualquer sociedade. Tecnicidade, para Martín-Barbero (2006), é mais do que tecnologia, é um organizador perceptivo, que articula, ou relaciona, na prática cotidiana, a transformação material trazida pelas inovações tecnológicas ou qualquer outra técnica, com a inovação discursiva resultante deste processo. Mais do que estar interessado em investigar quais são os aparelhos ou inovações tecnológicas, a tecnicidade remete à organização de novas práticas. Essa perspectiva está interessada em quais são as novas competências de linguagem que as novas tecnologias geram (MARTÍN-BARBERO, 2005). A partir disso, podemos refletir sobre os novos modos que são organizados a

partir das possibilidades/práticas da escuta nas plataformas digitais de web rádio universitárias, além das competências de linguagem que elas atualizam ou se geram novas competências. Isso significa que “as práticas de escuta não são, portanto, meras repetições de uma convenção estabelecida social, histórica e culturalmente, mas são motivadas por qualidades únicas, qualidades encontradas em uma experiência” (CARDOSO, 2011a, p. 12); essa motivação está ligada às qualidades plásticas das formas de expressão, materialidade do significante ou significado das formas do conteúdo.

O *corpus* desta pesquisa tem caráter quali-quantitativo. Apresentamos dados abaixo referentes ao mapeamento e catalogação realizada pelo grupo de estudos de web rádios universitárias - vinculado ao Projeto de Pesquisa e Extensão *Web Rádio UNEB*, coordenado por mim, no *Campus XIV*, em Conceição do Coité/Ba. Observamos as web rádios universitárias ativas na região nordeste do país, na intenção de compreender as suas especificidades, além de analisar a produção e veiculação dos conteúdos educativos disponíveis em suas plataformas digitais. No contexto acima descrito de 36 emissoras AM e FM, web rádios e núcleos de produção radiofônica, o *corpus* da pesquisa detém-se em cinco dessas, reconhecidas e inseridas na Rede de Rádios Universitárias do Brasil: **1. Rádio Porto de Capim; 2. Rádio UESC; 3. Rádio Universidade FM 106,9; 4. Web Rádio UNEB; 5. Universitária FM 107,9.**

A Universitária Rádio Web – da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Arapiraca – atua no segmento radiojornalístico; em sua *playlists* toca estilos diversos; possui uma programação fixa de segunda a domingo, com programações musicais e com programas estilo revista radiofônica. Está disponível no aplicativo *iRádio*. **A Rádio FM Universitária Clássicos** - Fortaleza, Ceará, está no segmento cultural; a *playlist* toca músicas clássicas; não possui programação cadastrada. **A Universitária FM 107,9** - da Universidade Federal do Ceará, com segmento no jornalístico radiofônico; apresenta em sua *playlist* músicas com enfoques nas composições brasileiras, especialmente nas produções nordestinas; em sua programação, observa-se uma grade de programas fixos diários com horários cadastrados no site, alternados com transmissões ao vivo durante os intervalos das aulas; possui outras plataformas de interação e convergência de dados: *Instagram, Twitter e Facebook*. **A Rádio Porto do Capim** – do Departamento de Comunicação Universidade Federal da Paraíba – encontra-se no segmento jornalístico radiofônico;

na *playlists* observamos que são tocadas músicas brasileiras e regionais; possui uma programação fixa de domingo a sábado com programas semanais e diários divididos os gêneros, radiodocumentários, rádio dramaturgia, programa infanto-juvenil e rádio arte. A **Rádio Universidade FM 106,9** – da Universidade Federal do Maranhão – trabalha o segmento jornalístico radiofônico; em sua *playlist* toca MPB, samba e jazz; em uma programação fixa de domingo a sábado com programas semanais e diários; e possui outras plataformas de interação/convergência de dados: *instagram, twitter e facebook*.

A **Rádio UESC** – da Universidade Estadual de Santa Cruz UESC, Ilhéus/Bahia – atua no segmento jornalístico radiofônico, educativo-cultural; sua *playlist* toca do *funk* à música clássica; na programação, a rádio tem dois programas no estilo radiojornalístico diários transmitidos ao vivo, e dois semanais; veicula sua programação através do site em um canal *streaming*, disponibilizado pela instituição; tem aplicativo próprio “Rádio UESC” disponível também no *tune in Rádio*. A **Web Rádio UNEB** – da Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, Bahia – está no segmento jornalístico radiofônico e educativo-cultural; na *playlist* também toca do *funk* à música clássica; possui em sua programação atualmente dois programas fixos exibidos duas vezes na semana, intercalando com demais produções elaboradas (*podcasts*) e outros conteúdos práticos exigidos pelas disciplinas do curso de comunicação; possui aplicativo, disponível no *playstore*; veicula sua programação através de plataforma digital utilizando o *software* livre⁸ com o sistema operacional GNU/Linux Etertics v7.1; até o final da eleição em outubro do ano passado esteve desativada por orientação da PROJUR (Procuradoria Jurídica) e ASCOM (Assessoria de Comunicação) da Universidade.

Entende-se aqui como rádio educativo o veículo que objetiva a produção e veiculação de material radiofônico – sonoro e parasonoro – do gênero educativo-cultural, jornalístico, e que tenha conteúdos que vão além do entretenimento; que seja utilizado como instrumento da democratização do saber, política institucional; e a nossa escolha em nos determos nas web rádios universitárias é por entendermos que tais emissoras oferecem mais possibilidades de experimentação da linguagem e do conteúdo por não serem comerciais, onde as tensões mercadológicas as obrigam a não romperem com os padrões de escuta esperados.

⁸ Programas com o código-fonte aberto, possibilitando que qualquer técnica possa estudá-lo, alterá-lo, adequá-lo às suas próprias necessidades e redistribuí-los, sem restrições. Geralmente, os *softwares* livres também são gratuitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado um meio de comunicação de baixo custo, e de fácil manuseio comparado às rádios tradicionais, a web rádio amplia as possibilidades de linguagens do rádio por meio dos processos de produção e distribuição de conteúdos. A digitalização da comunicação oral trouxe consigo a possibilidade do receptor se tornar o produtor da mensagem. Provocando, assim, uma menor distância entre profissionais e amadores nas novas mídias de comunicação em massa. Quando inseridas no ambiente acadêmico, funcionando sobre a premissa de serem educativas, muitas vezes através de *softwares* livres, as rádios *online*, como também são conhecidas, retomam para os discentes algo que é seu por direito: a possibilidade de experimentar. Além de estreitarem laços com a comunidade externa. No mapeamento foi possível identificar algumas características importantes relacionadas ao segmento geralmente jornalístico, diversidade dos estilos musicais em suas *playlists* e o perfil preponderante de suas programações, com base na observação dos gêneros radiofônicos presentes e a utilização das mídias sociais.

A emergência do estudo dessas plataformas, como modelo de novas práticas de escuta no contemporâneo, envolve problemáticas que dizem respeito a um universo muito amplo e ainda pouco explorado. Dessa forma, retoma-se como problemática à proposta de pesquisa aqui pertinente: em que medida e de que forma os portais das web rádios ampliam, sugerem ou moldam novas construções de experiências nas práticas de escuta e políticas de comunicação? Para tanto, trabalha-se com a hipótese de que os portais possibilitam aos ouvonautas, que compõem seu público, outras percepções que ocorrem por meio de novas práticas de escuta e reconfigurações políticas imbricadas pelas subjetividades dos indivíduos envolvidos nas escolhas e produção da programação a ser veiculada por estes veículos, mas também pela política institucional, onde estão alocados os domínios/endereços dos servidores com os princípios e conceitos norteadores do seu funcionamento; os novos elementos que compõem até o momento esses meios, oferecem mais e quais possibilidades à linguagem radiofônica? como e onde é possível que hajam brechas, caso haja um modelo generalista, qual seria ele? sendo assim, é possível traçar um perfil para o “ouvonauta” desse veículo? As informações obtidas através de pesquisa exploratória serão caras à pesquisa proposta, que visa investigar a construção da experiência, por

meio das práticas de escuta e das estratégias políticas de comunicação. O Brasil possui grande contribuição de seus pesquisadores da área de rádio, no mundo. O *Grupo Rádio e Mídia Sonora*, da Intercom, possui larga e relevante produção, com uma inserção política marcante no campo da mídia sonora no país. O ineditismo desta pesquisa encontra-se em compreender as transformações da linguagem e tecnologias da comunicação pública por meio das web rádios universitárias, a partir de uma perspectiva da experiência da escuta.

A importância da temática para a Comunicação Pública está no fato de que as rádios e as plataformas digitais universitárias tornam-se um espaço-tempo profícuo de observação na perspectiva de análise das transformações por meio da experiência da escuta. O caráter inédito do estudo é motivador, pois busca-se aqui abordar os processos de criação e produção de uma Web Rádio Universitária, explorando os processos técnicos, a escuta atenta aos produtores, gestores e o experimentalismo que as envolvem, e, ainda, os processos que elas desencadeiam, seus impactos com novas práticas de escuta, propiciando ao mesmo tempo sensibilidades performativas, estéticas e políticas. Bastou o surgimento de uma dessas plataformas despontar como projeto de ensino, pesquisa e extensão, para haver a abertura e provocação de diálogos com as mais diversas áreas do conhecimento, tecnologia, educação, informática e história. Compreender em que medida os portais de Web Rádios Universitárias reconfiguram as práticas de escuta dos modelos tradicionais radiofônicos que ampliam, moldam ou sugerem novas práticas de escuta, proporcionando uma outra experiência com o áudio, no que se refere às programações radiofônicas, à música, às políticas de comunicação, em uma ambiência plural que propõe e envolve uma inteligência coletiva movida por experiências singulares, que intensificam a experiência de um consumo individual, vinculado às plataformas digitais. Conclui-se o levantamento e observações aqui realizadas sobre algumas web rádios universitárias na região nordeste do país reflete ações propositivas de ampliação desse olhar inicial, já que vislumbra um estudo mais ampliado no sentido de: apontar, a partir das materialidades, os princípios fundantes que promovem uma reconfiguração nas práticas da escuta; identificar e descrever os padrões de intencionalidades na construção da experiência, por meio das práticas de escuta no rádio expandido; compreender em que medida as plataformas digitais de web rádio relacionam a lógica tradicional do meio radiofônico, evidenciando aspectos de continuidade, descontinuidade ou reinvenção.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. G., NOVOA, C. C. **Educação e tecnologia**: trilhando caminhos. Vol. 1. Salvador: Eduneb, 2003.

BIANCO, N. R. Promessas de mudanças na programação e na linguagem das emissoras digitalizadas, *In*: MAGNONI, A. F.; CARVALHO, J. M.(org). **O novo rádio**: cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Editora Senac, 2010.

BIANCO, N. R.; KLOCKNER, L.; FERRARETO, L. A. (org.). **80 anos das rádios nacional e MEC do Rio de Janeiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

CARDOSO FILHO, J. Práticas de escuta e cultura de audição. *In*: JANOTTI JUNIOR, J; LIMA, T; PIRES, V. (org.). **Dez anos a mil**: mídia e música popular massiva em tempos de internet. Porto Alegre: Simplicíssimo, 2011a.

CARDOSO FILHO, J. Para "aprender" a experiência estética: situação, mediação e materialidades. **Revista Galáxia** (on-line), São Paulo, n. 22, 2011b.

DEWEY, J. **A arte da experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERRARETO, L. A. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 3.ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

FERRARETO, L. A. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo. *Summus*, 2014.

GUIMARÃES, C.; LEAL, B. Experiência mediada e experiência estética. **Anais da XVI COMPÓS**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná. Disponível em <http://www.compos.org.br>; acesso em 20 de set. de 2007.

HERREROS, M. C. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

JENKIS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana L. de Alexandrina. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias Sociais**: Mediações e Interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1º ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, M. La constitución de la red brasileña de radios universitarias. *In*: MARTÍN-PENA, D. MORENO, A. V. (Org.). **Radios universitarias en marcha**: hacia la construcción de una contra agenda mediática. Vol. 1. Avellaneda, Badajoz e Madrid: UNDAV Ediciones, Junta de Extremadura, Fundación Ramon Areces, 2018.

LÈVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 1 ed. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. Pistas para entre-ver meios e mediações. *In*: _____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4ª ed. Rio de Janeiro, EDUFRRJ, 2006.

MONTAGU, Ashley. **Tocar**: o significado humano da pele. 5.ed. São Paulo: Summus, 1988.

NEUBERGER, R. S. A. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas, BA: EDUFRRB, 2012.

PIÑERO-OTERO, T.; RAMOS, F. Potencialidades de uma web rádio universitária: um estudo exploratório das percepções e preferências dos estudantes. **Comunicação e Sociedade**: a rádio na frequência da web, n. 20, 2011.

PRATA, N. Panorama da Web Rádio no Brasil. **Anais do Intercom**. Manaus, AM: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013.

PRIESTMAN, C. **Web radio**: radio production for internet streaming. Oxford: Focal Press, 2002.

SCHAFER, M. **O ouvinte pensante**. Tradução de Marisa Fonterrada *et al.* São Paulo: EDUNESP, 1991.

SCHAFER, M. **A afinação do mundo**. Tradução de Marisa Fonterrada. 1ª edição São Paulo: EDUNESP, 1997.

SCHAFER, M. **A afinação do mundo**. Tradução de Marisa Fonterrada. 2ª edição. São Paulo: EDUNESP, 2001.